

DESAFIOS DO PRODUTOR DE CAFÉ 2026

DECISÕES CRÍTICAS DO PRODUTOR DE CAFÉ DIANTE
DAS INCERTEZAS DE 2026

MAIO 2026

Rudolf Rosas Flunger

RUDOLF.ROSAS@FLUNGER.COM.BR

FLUNGER & COMPANY | ANÁLISE ESTRATÉGICA DO AGRONEGÓCIO

+55 (11) 999 142 242

WWW.FLUNGER.COM

ÍNDICE

Índice.....	1
Sumário Executivo	2
1 O mercado: Dinâmica e Contexto.....	3
2 Como endereçar a incerteza: Cenários de Mercado Alternativos 2026–27	11
3 O decisor: Três Perfis de cafeicultor	13
4 O desafio do produtor: Quatro decisões interligadas.....	16
5 Riscos envolvidos nas decisões	19
6 Painel de Monitoramento	21
7 Conclusão – O diferencial está na abordagem	23

Nota metodológica — maio de 2026

Os dados e informações utilizados nesta análise refletem as fontes disponíveis mais recentes no início de maio de 2026, respeitando o ciclo de atualização próprio de cada indicador e publicação. A estratégia é estável; os indicadores são mutáveis; as decisões táticas são ajustáveis.

SUMÁRIO EXECUTIVO

A pergunta certa. O produtor de café chega à colheita de 2026 em uma posição que a maioria dos setores do agronegócio brasileiro não reconheceria: preços historicamente altos, safra que será uma das maiores da história, e margem relevante disponível para investir. A pergunta correta é como capturar e proteger uma margem significativa em uma janela de tempo que se fecha.

A resposta direta. O produtor de café em 2026 enfrenta três ameaças concretas, todas com horizonte de 12 a 24 meses. A primeira é a erosão do preço em reais: o ICE C ARÁBICA tende a recuar com a entrada da safra recorde no mercado a partir de junho, enquanto o real acumulou apreciação superior a 20% desde o pico de dezembro de 2024. A segunda é o custo crescente dos insumos, concentrado na ureia, diretamente exposta ao risco geopolítico do Estreito de Ormuz: a janela atual de cessar-fogo é uma pausa, não uma normalização. A terceira é regulatória e de posicionamento de canal: a EUDR ¹entra em vigor em 30 de dezembro de 2026 define o piso de acesso ao mercado europeu; a decisão estratégica está em transformar esse requisito mínimo em diferenciador de canal via certificações que compradores EU exigem ou preferem.

O que não é ameaça. A instabilidade geopolítica no Oriente Médio contribuiu para sustentar o ICE C ARÁBICA em patamar elevado — não ameaça diretamente a receita do cafeicultor. O diesel impacta o custo de colheita, não a viabilidade estratégica. O clima é um risco a monitorar para o próximo ciclo, não uma ameaça imediata à safra 2026.

O que fazer. Quatro decisões interligadas definem o resultado estratégico deste ciclo:

- quanto da safra posicionar agora, antes que a colheita pressione os preços físicos;
- quando e em que volume contratar ureia e MAP para o ciclo 2026/27, aproveitando a abertura criada pelo cessar-fogo em Ormuz;
- se este é o momento de investir em renovação de lavoura com recursos próprios;
- como estruturar o posicionamento regulatório e de certificação para o canal europeu — EUDR como piso, certificações como diferenciadores — dentro do prazo operacional de setembro de 2026.

As decisões são estruturadas por perfil de produtor e avaliadas contra três cenários: Compressão por normalização de preço, Margem protegida e Volatilidade sustentada.

A dimensão da margem atual. Com ICE C ARÁBICA em torno de 275 cents/lb e câmbio a R\$ 5,03, o preço de paridade de exportação situa-se em torno de R\$ 1.790/saca — nível que preserva margem operacional relevante para todos os perfis de produtor mesmo sob pressão simultânea de preço e câmbio. O risco não é de inviabilidade — é de captura incompleta de uma oportunidade que se fecha com a entrada da safra.

¹ EUDR — European Union Deforestation Regulation (Regulamento da UE sobre Desmatamento): regulação europeia que condiciona a importação de determinadas commodities agrícolas — entre elas o café — à comprovação de rastreabilidade geolocalizada por lote e ausência de desmatamento após 31 de dezembro de 2020. Entra em vigor em 30 de dezembro de 2026 para grandes e médias empresas.

1 O MERCADO: DINÂMICA E CONTEXTO

O café arábica brasileiro entra no segundo trimestre de 2026 em uma posição privilegiada: preços historicamente altos, safra recorde em formação, e um ambiente de custo que pressiona pela primeira vez de forma séria. Entender o que está em jogo exige separar três camadas distintas — a dinâmica de preço, a situação de oferta e demanda, e a estrutura de custo.

Para o produtor, isso se traduz em quatro perguntas práticas: quanto o mercado paga hoje, quanto custa produzir, quantas sacas são necessárias para pagar esses custos e como o clima pode alterar esse equilíbrio.

1.1 AS QUATRO DECISÕES DO CAFEICULTOR

O produtor de café em 2026 não enfrenta um problema de informação. Enfrenta um problema de decisão.

O mercado oferece sinais em excesso — preços, câmbio, clima, fertilizantes, geopolítica. Mas o resultado do ciclo não será determinado por interpretar melhor esses sinais isoladamente, e sim por como quatro decisões interligadas são tomadas sob restrição de caixa, tempo e risco.

Independentemente do cenário que se materialize — mais adverso, intermediário ou mais favorável — essas quatro decisões estruturam o resultado econômico do ciclo:

- i. Posicionamento comercial — quando e quanto da safra 2026 fixar, em um ambiente ainda sustentado, mas sujeito à pressão de colheita e normalização de preços.
- ii. Contratação de insumos — em que momento e em que volume garantir fertilizantes críticos para o ciclo 2026/27, diante de uma janela logística incerta e potencialmente restritiva.
- iii. Renovação de lavoura — como alocar a margem atual entre captura de resultado e reinvestimento na base produtiva, determinando o potencial dos próximos ciclos.
- iv. Posicionamento regulatório e de canal — como aproveitar o acesso ao mercado europeu: EUDR ² como requisito de entrada, certificações como instrumentos de diferenciação e captura de prêmio dentro do mesmo prazo operacional.



Figura 1: Decisões chave do cafeicultor

² EUDR — European Union Deforestation Regulation.

Essas decisões não são independentes. São encadeadas pelo caixa e pelo tempo: vender define liquidez; liquidez define insumos; insumos definem produtividade; produtividade condiciona o resultado futuro e a capacidade de adaptação regulatória.

O que está em jogo não é maximizar o resultado em um único momento, mas preservar a capacidade de operar, investir e competir ao longo de múltiplos ciclos.

1.2 O PREÇO — TRÊS VETORES SIMULTÂNEOS

O preço realizável pelo produtor brasileiro em reais por saca depende de três variáveis independentes que se movem simultaneamente — e que, em 2026, estão todas sob pressão de direções distintas.

i. **ICE C Arábica — contrato front month:** o benchmark global do arábica, cotado

em cents/lb na New York Intercontinental Exchange (ICE). Em maio de 2026, o contrato front month já tinha alcançado 275 cents/lb — ainda historicamente elevado, mas em queda desde o pico acima de 340 cents/lb no primeiro semestre de 2025. A pressão vendedora é estrutural: a CONAB projeta safra recorde de 66,7 milhões de sacas para 2026, criando expectativa de superávit global da ordem de 10 milhões de sacas — o maior em seis anos.

ICE C ARÁBICA — CONTRATO FRONT MONTH
Evolução 24 meses - cents/lb - mai/2024-abr/2026



Fonte: ICE / Barchart. Dados mensais (fechamento do contrato front month). Elaboração: Flunger & Company.

Figura 2: ICE C Arábica — evolução 24 meses (mai/2024–abr/2026), contrato front month em cents/lb.

- ii. **Diferencial Santos vs. ICE C:** o preço físico do café brasileiro no mercado spot de Santos diverge do ICE C ARÁBICA por um diferencial variável. O contrato ICE C ARÁBICA prevê desconto estrutural de 600 pontos (–6 cents/lb) para o café brasileiro de entrega padrão. Com a entrada do volume novo a partir de junho, esse diferencial tende a se alargar novamente. O produtor capitalizado com equipe comercial estruturada gerencia essa exposição ativamente.
- iii. **Taxa de câmbio R\$/US\$:** o vetor de maior impacto sobre a receita em reais. O real apreciou-se de R\$ 6,31/US\$ em dezembro de 2024 para R\$ 5,03/US\$ em 23 de abril de 2026 — queda de mais de 20% do pico. Cada R\$ 0,10 de apreciação do real sobre um ICE C ARÁBICA de 275 cents/lb representa perda de aproximadamente R\$ 35,58/saca³. Movimentos cambiais acumulados têm efeito relevante em escala: uma apreciação de R\$0,30 — dentro do intervalo observado nos últimos 12 meses — representa perda de R\$106,75/saca sem nenhuma alteração no preço internacional. Esse impacto é administrável na margem atual, mas torna-se crítico quando combinado com recuo simultâneo do ICE C.

³ Fórmula de conversão ICE C ARÁBICA → R\$/saca: $(ICE\ C\ ARÁBICA\ cents/lb - \text{diferencial}) \times 2,2046 \times 60 \div 100 \times \text{câmbio}$.
Referência: ICE C ARÁBICA 275 cents/lb, diferencial –600 pontos (–6 cents/lb), câmbio R\$ 5,03/US\$. Resultado: R\$ 1.790/saca. Sensibilidade: cada R\$ 0,10 de variação cambial, com ICE C ARÁBICA constante a 296,4 cents/lb (ajustado pelo diferencial), representa R\$ 35,58/saca

Para o produtor, a implicação direta é que o preço em reais pode recuar por dois caminhos ao mesmo tempo – ICE C ARÁBICA e câmbio – o que aumenta o valor de antecipar parte das decisões comerciais antes da colheita.

1.3 OFERTA E DEMANDA — A POSIÇÃO DO MERCADO EM 2026

O mercado global de café entra em 2026 em transição. A escassez que sustentou preços recordes em 2024–2025 está dando lugar a uma normalização de oferta. Compreender essa transição é fundamental para calibrar o timing das decisões comerciais.

- i. **Safra Brasil 2026 — ano bom (on-year):** o ciclo bienal do arábica posiciona 2026 como ano de alta produtividade. A CONAB, no 2º Levantamento (maio/2026) projeta 45,8 M sacas de arábica (+28%) e 20,9 M conilon, totalizando 66,7 M sacas Minas Gerais: 33,4 MM sacas individualmente.
- ii. **Estoque herdado — o contrapeso:** o estoque mundial no início da safra 2025/26 estava no nível mais baixo dos últimos 25 anos — 21,3 milhões de sacas. Com estoques nesse patamar, mesmo uma safra recorde não colapsa preços imediatamente: o mercado absorve o volume novo na reconstrução de estoques antes de ceder em preço de forma sustentada.
- iii. **Vietnã e conilon global:** a recuperação da produção vietnamita adiciona pressão sobre o mercado de conilon e, por substituição de blend, sobre o arábica. O superávit projetado de 10 milhões de sacas em 2026 (StoneX) incorpora essa recuperação como pressuposto.
- iv. **Demanda:** o USDA projeta consumo mundial recorde de 173,9 milhões de sacas, impulsionado pela demanda asiática. A demanda cresce, mas a oferta cresce mais rápido — daí o superávit projetado. Não há colapso de demanda no horizonte; a oferta domina a formação de preços nos próximos 12–18 meses.
- v. **Clima:** Em condição neutra, com risco de El Niño ainda no horizonte, o produtor vê a safra 2026 relativamente protegida, mas a produtividade dos próximos ciclos continua dependente da regularidade de chuva ou da eficiência da irrigação. Isso significa que a leitura de preço e custo precisa sempre considerar a possibilidade de o clima alterar tanto o volume produzido quanto a capacidade de diluir o custo operacional total (COT).

ESTOQUE MUNDIAL DE CAFÉ — ABERTURA DE SAFRA

Série histórica 25 anos - milhões de sacas (60 kg) - 2001/02-2025/26



Figura 3: Estoque mundial de café — série histórica 25 anos (2001/02–2025/26), em milhões de sacas.

Implicação para o timing de vendas: o pico de poder de barganha comercial do produtor é **agora — abril/maio de 2026**, antes de a colheita iniciar. A partir de junho, o volume novo entra no mercado sistematicamente e pressiona preços físicos para baixo.

1.4 ESTRUTURA DE CUSTOS E SENSIBILIDADE DA MARGEM

A alta de fertilizantes, diesel, energia e serviços não afeta todos os produtores de café da mesma forma. O impacto depende da estrutura de custo de cada sistema produtivo, do

preço recebido, da produtividade e do nível de capital imobilizado. Por isso, a análise deve utilizar duas referências complementares: o COE⁴, para medir pressão de caixa no ciclo, e o COT, para avaliar sustentabilidade econômica da operação.

A estrutura abaixo usa o sistema de café arábica tecnificado de Monte Carmelo como referência de composição de custos. O objetivo não é apresentar o custo médio nacional nem reproduzir uma planilha oficial da CNA⁵. O objetivo é construir uma base de sensibilidade para medir como o choque de fertilizantes, diesel, energia e colheita se propaga para o custo por saca.

Tabela 1: Estrutura do COE do café arábica tecnificado — base de referência e cenário de estresse de custos.

Componente de Custo	Base (R\$/saca)	% do COE	Pós-choque (R\$/saca)	Variação
Fertilizantes e corretivos	R\$ 261	38%	R\$ 333	+R\$ 72
Mecanização	R\$ 110	16%	R\$ 130	+R\$ 20
Gastos gerais (adm., transp., serviços)	R\$ 110	16%	R\$ 121	+R\$ 11
Defensivos fitossanitários	R\$ 55	8%	R\$ 58	+R\$ 3
Mão de obra (fixa + temporária)	R\$ 55	8%	R\$ 58	+R\$ 3
Irrigação (energia elétrica + manutenção)	R\$ 34	5%	R\$ 44	+R\$ 10
Juros de custeio	R\$ 62	9%	R\$ 63	+R\$ 1
CUSTO OPERACIONAL EFETIVO (COE)	R\$ 686	100%	R\$ 806	+R\$ 120 (+17,5%)

Base (R\$ 686/sc): derivado de COT CNA dez/2025 (R\$ 30.000/ha) e produtividade modal publicada (35 sc/ha) via relação COE/COT = 0,800 (ebook Campo Futuro 2022, Tabela 1, MG-MC). Composição por componente: SIC 2024 CNA (fertilizantes, mecanização, irrigação publicados diretamente) com ajustes Flunger & Company. Cenário pós-choque (+R\$ 120/sc, +17,5%): ureia CFR Brasil (Argus, US\$ 285/t abr/2024 → US\$ 747/t abr/2026), MAP CFR Brasil (Argus, ~US\$ 560/t → US\$ 885/t), diesel S10 nacional (ANP, R\$ 6,10/l → R\$ 7,57/l). Exercício de estresse Flunger & Company para o ciclo 2026/27.

A tabela mostra que o COE de referência passa de **R\$ 686/saca** para **R\$ 806/saca**, uma alta de **17,5%**. O principal vetor é fertilizantes, com aumento de **R\$ 72/saca** — reflexo direto da escalada de ureia (+162%) e MAP (+60%) registrada pela Argus Media entre abril de 2024 e abril de 2026. Em seguida aparecem mecanização, gastos gerais e irrigação. O diesel foi absorvido na linha de mecanização, que reflete o custo das operações de campo com colhedoras, secadores e transporte interno — evitando dupla contagem.

A linha de irrigação não se aplica ao produtor de sequeiro. Nesse caso, o impacto direto de energia é menor, mas a exposição à produtividade e ao regime de chuvas é maior. O ponto central permanece: o choque de custos precisa ser avaliado pela estrutura real de cada sistema, não por uma média nacional.

⁴ **COE, COT e rentabilidade** — conceitos CNA/Campo Futuro. O **COE** — Custo Operacional Efetivo corresponde aos desembolsos do ciclo produtivo, como insumos, mão de obra, energia, diesel, serviços, manutenção e despesas operacionais. O **COT** — Custo Operacional Total adiciona ao COE depreciações e pró-labore. A rentabilidade é indicador de resultado, não linha de custo; por isso, não deve ser usada para reconstruir diretamente o COE. A análise segue a estrutura de custos utilizada pelo Projeto Campo Futuro/CNA.

⁵ CNA – Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil

1.4.1 O COT mostra a variabilidade do custo no Brasil

O COT varia fortemente entre regiões e sistemas produtivos. Há regiões com COT mais baixo, geralmente associadas a sistemas mecanizados ou topografia favorável; regiões intermediárias, com diferentes combinações de escala, produtividade e mecanização; e

regiões de COT elevado, mais sensíveis à mão de obra, à logística e ao menor preço recebido. Esta heterogeneidade faz a rentabilidade depender da relação entre custos, preço recebido e capacidade de diluir capital imobilizado — não apenas da produtividade física.

A leitura prática é direta: quando o **COT supera R\$ 30.000/ha**, a margem de segurança fica menor. Nessa faixa, uma alta adicional de fertilizantes, diesel, energia ou serviços tem efeito mais crítico, porque o produtor já parte de uma estrutura de custo pesada. Em sistemas com COT mais baixo, o mesmo choque pode ser absorvido por mais tempo. Em sistemas com COT elevado, a normalização do preço do café transforma o

choque de custo em compressão rápida de margem.

1.4.2 A rentabilidade confirma que produtividade não é margem

A produtividade elevada não garante rentabilidade elevada. Os dados do Projeto Campo Futuro/CNA (dezembro de 2025) ilustram essa dispersão: as Matas de Rondônia registram rentabilidade de 7,98%; o Cerrado Mineiro, 16,23%; e o Norte de Minas, 79,55%. Esses percentuais refletem o resultado econômico calculado sobre os preços e custos do período do estudo — não são extrapoláveis diretamente para os preços de mercado de 2026.

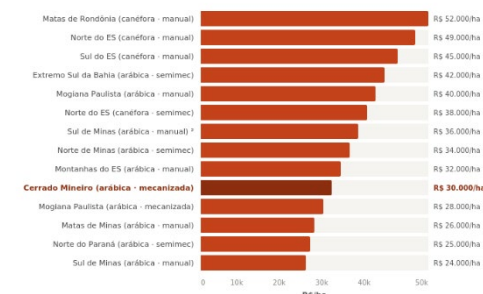
Essa dispersão de rentabilidade não deriva de custos proporcionais ao preço recebido. O custo operacional é determinado pelos coeficientes técnicos do sistema produtivo — insumos, processo de colheita, mecanização, energia — e não pelo preço que o café realiza no mercado. Práticas que visam qualidade superior, como colheita mais seletiva ou fluxo de processamento reduzido, implicam custo por saca mais elevado porque o processo exige mais recursos por unidade — não porque o preço do café subiu. O preço de paridade de R\$ 1.790/saca utilizado nesta análise é referência para produtores com acesso ao canal de exportação e café de qualidade padrão ICE. Produtores que realizam preços inferiores — em função de qualidade, canal comercial ou região — têm margens distintas sobre a mesma base de custo

A diferença não está apenas na produtividade. Está na combinação de preço recebido, tipo de café, custo total, escala, mecanização, mão de obra, capital imobilizado e eficiência operacional. Essa dispersão é o ponto mais importante para 2026: o mesmo aumento de ureia, MAP, diesel ou energia tem efeitos muito diferentes conforme a posição de custo e rentabilidade estimada de entrada no ciclo.

A consequência para a análise de mercado é que o choque de custos não pode ser tratado como ameaça uniforme. Em regiões com rentabilidade alta, ele reduz a folga, mas não compromete imediatamente a viabilidade. Em regiões com rentabilidade baixa ou COT elevado, o mesmo choque pode eliminar rapidamente a margem quando o preço do café recua.

Custo Operacional Total (COT) por região cafeeira - Safra 2024/25

Fonte: CNA, Campo Futuro, dezembro 2025 - R\$/ha



Fonte: CNA/SENAR — Projeto Campo Futuro, dezembro 2025. Elaboração: Flunger & Company.

Figura 4: Custo Operacional Total (COT) Fonte CNA, Campo Futuro dezembro 2025

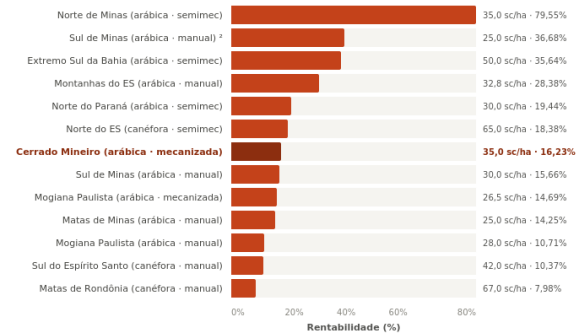
O café brasileiro permanece competitivo, mas a margem de segurança varia muito por sistema produtivo. O preço atual ainda absorve o choque de custos em muitos casos. O risco aparece quando o preço normaliza antes de fertilizantes, diesel, energia e serviços retornarem a patamares mais baixos.

Em 2026, a vulnerabilidade não será determinada apenas pelo preço do café, mas pela combinação entre COT estimado de entrada no ciclo, exposição a insumos e rentabilidade estimada de entrada no ciclo.

A combinação atual de preços e custos define uma janela de termos de troca favorável, mas não permanente. Com ICE C ARÁBICA em torno de 275 cents/lb e câmbio a R\$ 5.03, o preço de paridade situa-se próximo de R\$ 1.790/saca — ainda confortavelmente acima do COE pós-choque de R\$ 806/saca — referência do modal tecnificado de Monte Carmelo (CNA/Campo Futuro, 2025), não uma média nacional — preservando margem operacional relevante. O risco não está no nível atual. Está na velocidade com que essa relação pode se inverter: o ICE C ARÁBICA pode recuar com a entrada da safra, o câmbio pode apreciar, e os custos de insumos tendem a permanecer elevados por mais tempo do que os preços. Quando os dois vetores de receita pressionam simultaneamente — preço internacional e câmbio — enquanto o custo não recua na mesma velocidade, a margem se comprime sem aviso.

Rentabilidade (ML/RB) por região cafeeira · Safra 2024/25

Fonte: CNA, Campo Futuro, dezembro 2025 · Rentabilidade (%)



Fonte: CNA/SENAR — Projeto Campo Futuro, dezembro 2025. Elaboração: Flunger & Company.

Figura 5: Rentabilidade por região. Fonte CNA, Campo Futuro dezembro 2025

1.5 CRITICIDADE DOS COMPONENTES DE CUSTO

Com a estrutura de custos estabelecida na seção anterior, é possível hierarquizar a exposição ao risco por componente — o que permite ao produtor priorizar com precisão.

Tabela 2: Criticidade dos componentes de custo — produtor mecanizado de grande escala

Insumo / Custo	Nível de Risco	Vetor de Risco	Ação Requerida
Ureia (N — topdressings)	CRÍTICO	Ormuz / gás natural	Contratação imediata
MAP (P — aplicação de solo)	Relevante	Cadeia fósforo global	Próx. 6–8 semanas
NPK formulado (20-05-20)	Moderado	K menos exposto a Ormuz	Contratação escalonada
Diesel (colheita mecanizada)	Moderado	Petróleo / logística	Monitoramento — não urgente
Micronutrientes (Zn, B, Cu)	Baixo	Menor exposição cambial	Contratação normal

A **ureia** é a variável crítica de custo neste ciclo. O café é intensivo em nitrogênio, com adubação fracionada em múltiplas aplicações de cobertura (*topdressings*) ao longo do ciclo — cada aplicação é agronomicamente crítica e não pode ser postergada sem perda direta de produtividade. Com ureia CFR Brasil em US\$ 697,5/t (maio/2026) e Ormuz em status instável — cessar-fogo declarado em 17 de abril, ainda em discussão — esta é a variável que exige ação mais urgente fora do eixo comercial.

O Estreito de Ormuz concentra o risco. É o principal corredor de escoamento do gás natural do Golfo Pérsico, matéria-prima dominante na produção global de ureia. Em 21 de maio de 2026, o Estreito de Ormuz opera com fluxo estimado em 5% do baseline pré-crise sob cessar-fogo sustentado por negociações EUA-Irã em curso. A janela não é normalização estrutural é uma pausa. O preço da ureia já incorpora o prêmio de risco geopolítico (US\$ 697,50/t vs. US\$ 480–520/t em condições normais de mercado), e qualquer ruptura de Ormuz superior a 30 dias converteria esse prêmio em escassez física. A diferença em relação ao choque de 2022 é que, desta vez, os estoques globais estão mais baixos e a capacidade de substituição de origem é mais limitada. A janela de cessar-fogo é, portanto, uma janela de compra — não uma indicação de normalização.

O **diesel** é um custo operacional relevante para o produtor de grande escala com colheita 100% mecanizada — colhedoras, secadores mecânicos e transporte interno. Sua exposição ao risco geopolítico é indireta e mais gradual do que a da ureia. Não exige ação imediata diferenciada além do monitoramento padrão de custos operacionais.

Na prática, a hierarquia de risco de custo é diretamente operacional: ureia exige decisão imediata, MAP nas próximas semanas, diesel monitoramento contínuo. A seção anterior quantifica a estrutura de custos que sustenta essa priorização.

1.6 O DIFERENCIAL ESTRUTURAL DE 2026 — POR QUE ESTE ANO É DIFERENTE

O cafeicultor não enfrenta crise de sobrevivência em 2026. Enfrenta um conjunto de decisões de alocação de margem relevante sob restrições de prazo — comercial, agrônomo e regulatório. Três combinações específicas tornam 2026 estruturalmente diferente de qualquer outro ano recente:

- i. **Preço alto + colheita recorde simultâneos:** raramente o produtor de café entra numa safra de volume máximo com preços ainda acima da média histórica. A janela de captura dessa combinação é de semanas, não de meses.
- ii. **Margem disponível para investimento estrutural:** a lucratividade dos últimos 12–18 meses criou, para o produtor capitalizado, a rara condição de financiar renovação de lavoura com recursos próprios — sem endividamento adicional. Essa janela se fecha quando os preços normalizarem.
- iii. **Decisão regulatória e de canal com horizonte fixo:** a EUDR, tem data de entrada em vigor definida em 30 de dezembro de 2026 efine o piso de acesso ao mercado europeu — condição necessária, não suficiente. O Brasil foi classificado como país de risco padrão pela CE (Reg. 2025/1093), o que significa que o desafio real não é desmatamento, mas rastreabilidade. Para o produtor capitalizado com canal EU relevante, a decisão vai além do compliance: é escolher qual certificação (4C, Rainforest Alliance, Orgânico) converte rastreabilidade em prêmio de preço.

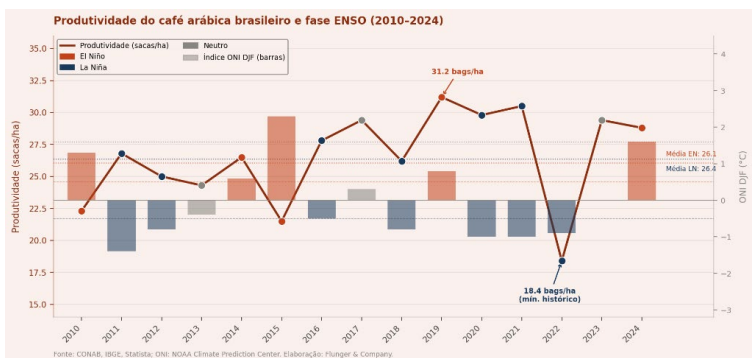
O PISO QUE IMPORTA: QUANDO O ICE C ARÁBICA RECUA PARA 240–260 CENTS/LB COM CÂMBIO EM R\$ 4,80, O PREÇO DE PARIDADE DE EXPORTAÇÃO CONVERGE PARA R\$ 1.486–1.613/SACA. PARA O PRODUTOR COM COE PÓS-CHOQUE DE R\$ 806/SACA, A MARGEM PERMANECE POSITIVA — MAS EXIGE QUE AS DECISÕES DE PROTEÇÃO COMERCIAL E CONTRATAÇÃO DE INSUMOS TENHAM SIDO TOMADAS ANTES DESSA CONVERGÊNCIA

1.7 CLIMA A VARIÁVEL QUE AMPLIFICA DECISÕES

O risco climático em maio de 2026 determina a produtividade dos próximos ciclos e a capacidade de sustentar margem em um cenário de custo maior. Os modelos oficiais NOAA CPC ENSO⁶ registram trajetória inequívoca: A NOAA declarou El Niño Watch em 14 de maio de 2026, com 82% de probabilidade de formação entre maio e julho e 96% de persistência até fevereiro de 2027, aproximando-se de níveis críticos para o período de

floração e granação da safra de verão 2026/27. Essa elevação tem implicação operacional direta: maior incerteza sobre produtividade futura e deterioração da relação entre custo fixo, investimento em irrigação e receita esperada. A exposição difere por sistema produtivo: em sequeiro, o risco recai diretamente sobre o volume produzido; em irrigado, sobre energia, manutenção e custo operacional.

Produtividade do café arábica brasileiro e fase ENSO (2010-2024)



A intensificação das oscilações climáticas documentada pela NOAA desde 1960 elevou a

Figura 6: Produtividade do café arábica brasileiro e fase ENSO — ONI DJF e sacas/ha (2010–2024). Médias por fase praticamente equivalentes (El Niño: 26,1; La Niña: 26,4 sacas/ha); o risco relevante está na cauda: mínimo histórico de 18,4 sacas/ha em 2022 (La Niña).

volatilidade estrutural do risco climático na cafeicultura brasileira: a amplitude máxima do El Niño passou de +1,0°C para +2,5°C, e a da La Niña de -1,5°C para -2,0°C, com

frequência de eventos também crescente. A lógica operacional é diferenciada por fase. El Niño não comprime produtividade do arábica brasileiro em termos médios — dados nacionais 2010–2024 mostram produtividade média de 26,1 sacas/ha em anos de El Niño contra 26,4 em anos de La Niña, com o ciclo bienal dominando sobre o sinal ENSO. O risco real do El Niño é operacional: maior custo hídrico em sistemas irrigados e pressão sobre insumos. Com probabilidade de El Niño $\geq 60\%$, a prioridade é garantir insumos completos (ureia, MAP, NPK) para sustentar o ciclo seguinte em condições de custo mais elevado. La Niña, por sua vez, concentra o risco de cauda: o mínimo histórico de produtividade nacional (18,4 sacas/ha em 2022) ocorreu em ano de La Niña, com seca severa antes da floração amplificada pelo ciclo bienal baixo. Quando La Niña se consolida, a prioridade é antecipar fixações comerciais para capturar prêmios de mercado antes da potencial compressão de oferta global. O clima funciona como antecipador de movimento, alterando o cenário e amplificando a urgência das demais decisões estruturais do produtor. O monitoramento mensal obrigatório via boletins NOAA CPC ENSO converte sinal climático em ação comercial e operacional tempestiva.

A exposição ao risco ENSO não é uniforme entre produtores brasileiros. Regiões de alta altitude no sul de Minas Gerais e no Paraná apresentam sensibilidade pronunciada: La Niña eleva significativamente a pressão de ferrugem (*Hemileia vastatrix*) e o risco de geadas, enquanto El Niño reduz essa pressão e favorece produtividade. No Cerrado Mineiro e no Triângulo, a sensibilidade é moderada — o ciclo bienal domina sobre o sinal

⁶ NOAA CPC ENSO – National Oceanic and Atmospheric Administration, Climate Prediction Center, El Niño-Southern Oscillation. Órgão oficial do governo dos EUA responsável pelo monitoramento e previsão das oscilações de temperatura do Pacífico Equatorial (El Niño, La Niña e fase Neutra). Referência global para gestão de risco climático em commodities agrícolas.

ENSO, e o risco climático principal é a seca em janelas críticas, independentemente da fase. No norte de Minas Gerais e sul da Bahia, o ENSO não apresenta influência detectável: a variabilidade de precipitação local é suficientemente intensa para sobrepor qualquer sinal remoto do Pacífico. Essa heterogeneidade tem implicação direta: o mesmo boletim ENSO produz leituras operacionais distintas dependendo de onde o produtor está.

2 COMO ENDEREÇAR A INCERTEZA: CENÁRIOS DE MERCADO ALTERNATIVOS 2026–27

O produtor de café não escolhe o cenário em que opera. O preço do ICE C, a taxa de câmbio, o diferencial físico, o custo da ureia, o preço do diesel, o custo da energia, o clima e a entrada da safra nova são variáveis de mercado. O produtor observa essas condições e decide dentro delas.

A função dos cenários é testar a robustez das decisões. A pergunta não é qual cenário vai acontecer. A pergunta é: **qual decisão continua correta se o preço cair, o custo permanecer alto ou a volatilidade continuar?**

Cada cenário descreve um estado possível do mundo – combinação de preço, custo, câmbio, clima, liquidez e regulação – sobre o qual o produtor não tem controle. O que o produtor controla é a forma de decidir dentro de cada uma dessas condições.

Em 2026, a incerteza principal não está em saber se o café ainda tem margem. O preço atual ainda absorve o choque de custos em muitos sistemas produtivos. A incerteza está na sequência dos eventos: o preço pode normalizar antes que fertilizantes, diesel, energia e serviços retornem a patamares mais baixos.

Os cenários partem de quatro vetores:

1. **Preço do café em reais:** combinação entre ICE C, câmbio e diferencial físico. A análise deve manter a base de produto e qualidade em cada comparação. Preços atuais próximos de R\$ 1.700–1.900/saca ainda sustentam margem ampla; faixas de R\$ 1.400–1.600/saca já reduzem a folga; abaixo disso, produtores com COT elevado ficam expostos.
2. **Custo dos insumos:** ureia, MAP, formulados, diesel, energia e serviços permanecem em patamar alto. O risco não é apenas o preço absoluto do insumo, mas a contratação em momento errado, sem receita protegida. Uma correlação estrutural merece atenção: os vetores de fertilizantes e diesel compartilham a mesma raiz. O Estreito de Ormuz é simultaneamente o corredor do gás natural que alimenta a produção global de ureia e um nó crítico da logística de petróleo que define o patamar do diesel. Uma ruptura nesse corredor não aciona um vetor de custo — aciona dois ao mesmo tempo, de forma correlacionada e amplificada.
3. **Diesel e logística:** no extremo adverso, escalada energética pressiona o COE do produtor mecanizado de grande escala — colhedoras, secadores e bombeamento de irrigação operam em janelas intensas e não adiáveis. No extremo favorável,

acomodação dos preços de petróleo reduz o custo operacional de colheita e transporte interno.

4. **Clima e produtividade:** o clima afeta a produtividade futura e a diluição dos custos fixos. Em sistemas de sequeiro, o risco climático pesa mais diretamente sobre volume. Em sistemas irrigados, a exposição maior está em energia, manutenção, capital imobilizado e custo operacional.

O posicionamento regulatório e de canal não varia com os cenários. O prazo é fixo. O que varia é a capacidade de ir além do compliance mínimo: no cenário de margem protegida, o produtor capitalizado pode financiar certificação incremental (4C, Rainforest Alliance) e capturar prêmio de canal. No cenário de compressão, a prioridade é preservar o acesso — rastreabilidade operacional até set/2026. Em qualquer cenário, o risco de inação é assimétrico: perda de canal EU é irreversível no curto prazo.

A partir desses vetores, estruturam-se três cenários consolidados.

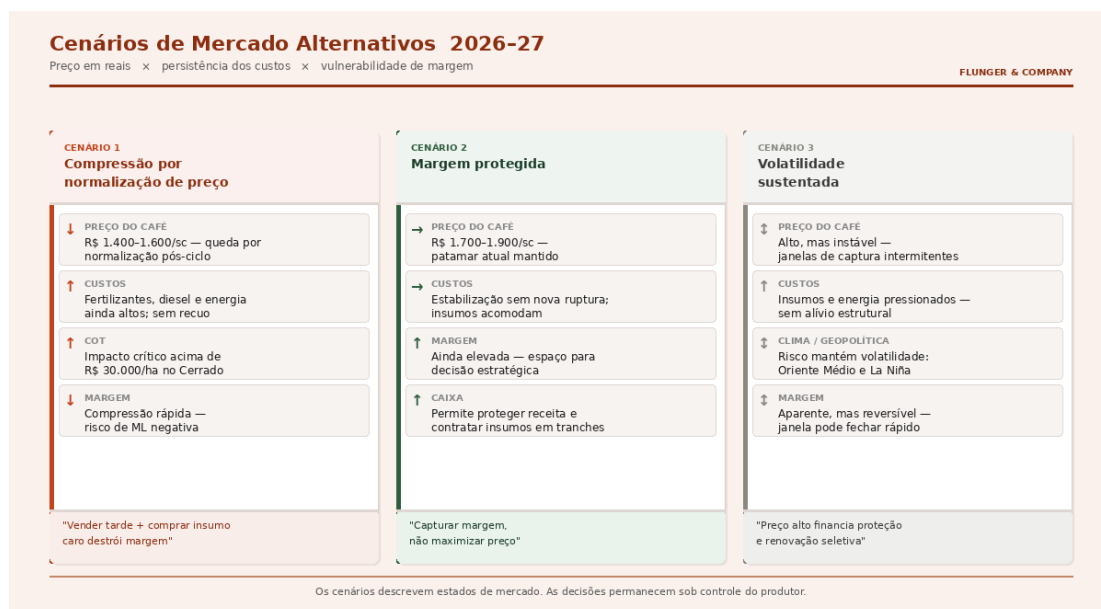


Figura 7: Cenários de Mercado Alternativos 2026-27

Cenário 1 — Compressão por normalização de preço

Neste cenário, o preço do café em reais recua para a faixa de **R\$ 1.400–1.600/saca** com a entrada da safra 2026, recomposição parcial da oferta global e câmbio sem compensação suficiente. Ao mesmo tempo, fertilizantes, diesel, energia e serviços permanecem em patamar elevado.

Este é o cenário mais importante para a análise porque transforma o choque de custos em problema econômico real. Enquanto o preço está em R\$ 1.800–1.900/saca, o aumento de COE é absorvido. Quando o preço normaliza e o custo não recua na mesma velocidade, a margem se comprime rapidamente.

A pressão é maior nos sistemas com COT elevado, menor rentabilidade estimada de entrada no ciclo ou maior exposição a insumos. O produtor que vende tarde e compra

insumo caro entra no ciclo seguinte com margem menor e menor capacidade de adaptação.

Mensagem do cenário: vender tarde e comprar insumo caro é a combinação que destrói margem.

Cenário 2 — Margem protegida

Neste cenário, o preço permanece na faixa de **R\$ 1.700–1.900/saca**, o câmbio não aprecia de forma relevante e fertilizantes, diesel e energia estabilizam em patamar alto, mas sem nova ruptura. A safra grande pressiona o mercado, porém não derruba o preço de forma abrupta.

Esse cenário mantém a margem operacional elevada. O ponto crítico é não confundir margem disponível com margem capturada. O preço alto só se transforma em resultado quando parte da receita é protegida, os insumos críticos são contratados com disciplina e o caixa é alocado de forma seletiva.

A margem protegida não depende de acertar o topo do mercado. Depende de transformar preço atual em segurança operacional para o ciclo 2026/27.

Mensagem do cenário: capturar margem, não maximizar preço.

Cenário 3 — Volatilidade sustentada

Neste cenário, o preço permanece alto, mas instável. A sustentação pode vir de risco climático, atraso na recomposição dos estoques, tensão geopolítica, interrupções logísticas ou percepção de oferta insuficiente. Ao mesmo tempo, os custos também seguem elevados.

Este é o cenário de maior ambiguidade. O produtor vê preço alto e margem aparente, mas continua exposto a reversões rápidas. Um evento climático pode sustentar o preço e, ao mesmo tempo, reduzir produtividade. Uma tensão geopolítica pode elevar o café e encarecer ureia, diesel e frete. O preço alto ajuda, mas não elimina o risco.

A volatilidade sustentada favorece produtores com disciplina comercial, caixa e capacidade de execução. Para os demais, pode gerar falsa sensação de segurança.

Mensagem do cenário: preço alto não justifica indisciplina; ele financia proteção, renovação seletiva e adequação regulatória.

Os cenários não servem para prever o futuro. Servem para separar decisões robustas de apostas. A decisão que permanece correta nos três cenários deve ser executada. A decisão que só funciona se o mercado continuar favorável exige proteção, revisão ou adiamento.

3 O DECISOR: TRÊS PERFIS DE CAFEICULTOR

Esta análise é dirigida ao produtor rural — pessoa física ou jurídica responsável pelo ciclo produtivo completo do café, seja como proprietário ou arrendatário da terra. O que o define não é o título fundiário, mas a posição econômica: é ele quem contrata insumos,

financia o ciclo, absorve o risco e responde pelo resultado. É quem paga as contas e quem recebe o que sobra.

Esse perfil difere de dois atores com os quais pode ser confundido. O Trader de commodities opera com horizonte e ferramental distintos — mercados futuros, análise técnica, arbitragem —, sem vínculo com o ciclo físico da lavoura. Suas recomendações refletem objetivos de curto prazo que nem sempre se alinham com o horizonte do produtor. O proprietário que arrenda sua terra a terceiros tampouco é o decisor aqui tratado: não incorre nos custos de produção nem assume o risco operacional da safra. Na cafeicultura de grande escala — especialmente no sistema irrigado do Cerrado — o modelo dominante é o do proprietário-operador que imobilizou capital significativo em infraestrutura de irrigação e equipamentos. O arrendamento existe e é juridicamente reconhecido para lavouras permanentes, mas não é a estrutura típica do cafeicultor de grande escala.

A mesma conjuntura não produz os mesmos desafios para produtores com posições financeiras diferentes. O perfil financeiro não é um detalhe: é o que define o que é possível fazer, em que ordem e com qual margem de manobra. Os três perfis a seguir são definidos exclusivamente pela posição financeira atual — não pelo tamanho da operação. Escala não define resultado. Posição financeira define alternativas de decisão. Um produtor de grande área com caixa comprometido e dívida relevante terá muitas dificuldades para endereçar de forma exitosa os desafios do mercado.

A escala tem um papel específico e mais indireto: operações maiores tendem a ter acesso a instrumentos de gestão de risco — crédito competitivo, hedge cambial, equipe comercial estruturada — que ampliam a capacidade de capturar margem. Mas acesso não é margem. A margem depende da posição financeira que viabiliza a execução e da disciplina com que as decisões são tomadas no momento certo. Um produtor capitalizado que não fixa posição antes da colheita desperdiça o acesso que tem. Um produtor em equilíbrio que fixa com disciplina captura margem superior ao que sua escala sugeriria.

O **Produtor com pressão de caixa** é definido por dívida relevante sobre a receita esperada, crédito limitado ou caro e ausência de equipe comercial dedicada. A urgência de liquidez domina e condiciona todas as demais escolhas. A fronteira de decisão é estreita: não há espaço para timing nem opcionalidade. Este perfil serve como referência de risco no documento — não é o público primário, mas sua lógica precisa estar clara para que os demais perfis se compreendam por contraste.

O **Produtor em equilíbrio** apresenta dívida manejável e alguma reserva de capital. Há acesso parcial a proteção cambial e equipe comercial limitada. A flexibilidade de timing existe, mas exige disciplina rigorosa. Erros custam: não há gordura suficiente para absorver dois erros consecutivos de posicionamento comercial ou de contratação de insumos.

O **Produtor capitalizado** dispõe de caixa robusto, endividamento sob controle e acesso pleno a instrumentos de proteção cambial como NDF⁷ e crédito competitivo. Tem capacidade de absorver volatilidade por meses, desde que com regras claras de gestão de posição. A decisão relevante para este perfil não é de sobrevivência — é de alocação ótima de uma margem relevante em uma janela de tempo que se fecha.

O cafeicultor capitalizado em 2026 opera em posição estruturalmente distinta dos demais: preço historicamente alto com safra robusta em formação, margem relevante e capacidade de execução plena das quatro decisões críticas. O desafio não é de liquidez nem de acesso — é de disciplina: traduzir esta **posição financeira robusta** em resultado **significativo**, e não apenas mediano.

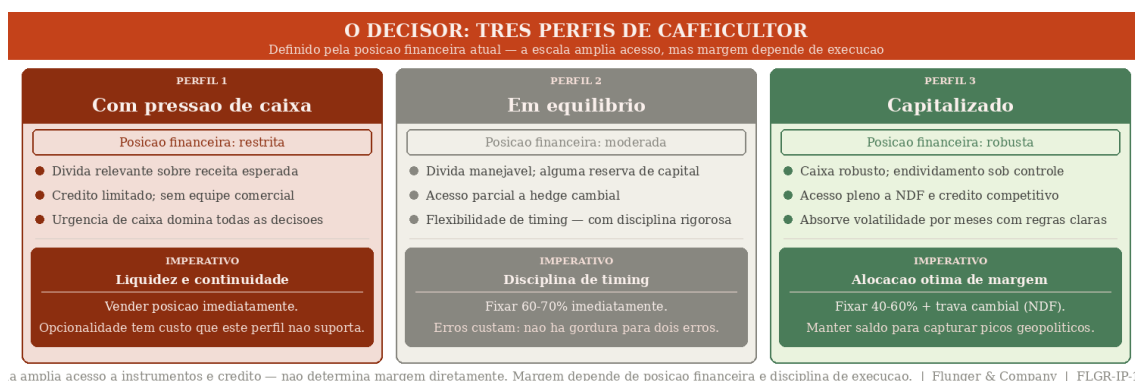


Figura 8: O Decisor: Três Perfis de Cafeicultor

Os três perfis não mudam o cenário de mercado, mas mudam completamente a forma de responder a ele. O mesmo preço, o mesmo custo e a mesma volatilidade pressionam de forma diferente um produtor com pressão de caixa, um produtor em equilíbrio e um produtor capitalizado. Na seção seguinte, as quatro decisões — comercial, insumos, renovação e posicionamento regulatório e de canal — são estruturadas com recomendações específicas para cada perfil.

Uma segunda dimensão condiciona a leitura de cada perfil: a localização geográfica. A posição financeira define o que é possível fazer e em que ordem. A localização define qual variável climática é mais relevante monitorar. Um produtor capitalizado no sul de Minas Gerais ou no Paraná enfrenta risco de La Niña estruturalmente mais severo do que um produtor equivalente no Cerrado ou no norte de Minas Gerais — onde o ENSO tem influência mínima sobre produtividade. Essa distinção não cria novos perfis, mas calibra as implicações das decisões climáticas dentro de cada um.

⁷ **NDF** — Non-Deliverable Forward (Termo de Moedas sem Entrega Física): contrato de câmbio a termo sem entrega física, utilizado para travar a taxa de conversão R\$/US\$ em uma data futura, protegendo a receita em reais independentemente da variação cambial.

4 O DESAFIO DO PRODUTOR: QUATRO DECISÕES INTERLIGADAS

O produtor de café em 2026 não enfrenta escassez de opções — enfrenta o problema oposto: múltiplas decisões urgentes, com janelas de tempo distintas e efeitos que se retroalimentam. Cada decisão postergada reduz o espaço de manobra das demais.

Quatro decisões definem o resultado estratégico deste ciclo. Estas são as únicas variáveis que o produtor controla diretamente — todas as demais (preço, câmbio, custos, clima, prazo regulatório) são condições de fundo sobre as quais ele decide:

- i. **Posicionamento comercial** — quanto da safra 2026 fixar antes de a colheita pressionar os preços físicos para baixo.
- ii. **Contratação de insumos** — quando e em que volume garantir ureia e MAP para o ciclo 2026/27, aproveitando a janela aberta pelo cessar-fogo em Ormuz — que é imprevisível e pode se fechar sem aviso.
- iii. **Renovação de lavoura** — se este é o momento de investir na base produtiva com a margem positiva disponível, antes que o ciclo de preços altos se normalize.
- iv. **Posicionamento regulatório e de canal** — como garantir acesso ao mercado europeu via EUDR e, para o produtor capitalizado, como converter compliance em diferenciador via certificações estratégicas.



Figura 9: Dinâmica das decisões do cafeicultor

As quatro decisões são interdependentes: o posicionamento comercial define a liquidez disponível para insumos e renovação; a contratação de insumos determina a capacidade de manter produtividade no próximo ciclo; a renovação só é viável quando o caixa permite; e o posicionamento regulatório e de canal tem prazo fixo que opera independentemente das demais variáveis. Postergação em uma decisão tem custo real nas outras três.

As decisões seguem uma ordem de urgência — não de importância. Cada uma opera com horizonte próprio, grau de reversibilidade distinto e lógica específica por perfil de produtor.

4.1 POSICIONAMENTO COMERCIAL

Urgência: IMEDIATA — a janela de preços historicamente altos se fecha com o início da colheita

A safra 2026 se aproxima da colheita com pico entre junho e setembro. O produtor que não fixou posição a preços de ICE C ARÁBICA em torno de 300 cents/lb enfrenta dois riscos simultâneos: a queda do ICE C ARÁBICA conforme a oferta nova entra no mercado, e a apreciação do real que corrói a conversão em reais brasileiros. A janela ótima de fixação está se fechando.

Tabela 3: Posicionamento comercial por perfil de produtor

Perfil	Ação recomendada	Gatilho de saída do saldo
Com pressão de caixa	- Vender posição imediatamente, priorizando liquidez. - A opcionalidade tem custo de carry que este perfil não suporta.	Não aplicável — venda integral.
Em equilíbrio	- Fixar 60–70% imediatamente. - Não apostar no câmbio — travar posição cambial integral.	ICE C ARÁBICA < 280 cents/lb OU R\$/saca < R\$ 1.801 → vender saldo sem exceção.
Capitalizado	- Fixar 40–60% da produção estimada 2026 nos próximos 30–45 dias. - Combinar fixação ICE C ARÁBICA + trava cambial (NDF⁸) para garantir piso mínimo de R\$ 1.600/saca — nível que preserva margem operacional relevante mesmo em cenário de insumos elevados. - Manter 40–60% para explorar picos geopolíticos.	ICE C ARÁBICA < 280 cents/lb por 3 dias OU R\$/US\$ < R\$4,80 → fixar saldo imediatamente.

Na prática, a decisão de posicionamento comercial resolve primeiro a pergunta do caixa: quem entra na colheita sem posição mínima travada depende mais do cenário do que da própria disciplina.

4.2 CONTRATAÇÃO DE INSUMOS

Urgência: ALTA — a janela Ormuz é imprevisível; cada dia de espera aumenta o risco de ruptura

O café exige múltiplas aplicações de NPK ao longo do ano. A adubação nitrogenada via ureia, fracionada em adubação de cobertura (*topdressing*) críticos, não pode ser postergada sem perda direta de produtividade. Com ureia CFR Brasil em US\$ 697,5/t e Ormuz em status incerto, a lógica de contratação por componente é clara:

- Ureia (N):** contratação imediata para 70–100% da necessidade da adubação de cobertura (*topdressing*) do ciclo 2026/27. A janela de cessar-fogo é uma janela de compra. Capitalizado: compra à vista. Em equilíbrio: ao menos 60% próprios + financiamento do saldo.
- MAP (P):** menos urgente do que a ureia em timing agrônômico, mas com referência de US\$ 885/t próxima ao gatilho de ação. Contratar 50–60% da necessidade nas próximas 6–8 semanas.
- NPK formulado (20-05-20):** contratação escalonada. A exposição ao potássio é mais diluída em termos de risco de cadeia. Prioridade inferior à ureia.
- Micronutrientes (Zn, B, Cu):** contratação normal — sem exposição ao choque Ormuz. Não altera a hierarquia de urgência.

⁸ NDF (Non-Deliverable Forward ou Termo de Moedas sem Entrega Física)

Para o produtor em equilíbrio, não executar a contratação mínima de ureia dentro da janela implica chegar ao próximo ciclo com produtividade em risco e menos margem para corrigir erros comerciais. Para o capitalizado, a decisão é usar o caixa para antecipar ureia e MAP, transformando risco de custo em vantagem competitiva.

4.3 RENOVAÇÃO DE LAVOURA

Urgência: MÉDIA — decisão de ciclo, não de semana; a janela de oportunidade é 2026–27

Cafeeiros têm vida produtiva de 20–25 anos; renovação por *stumping* ou replantio implica 3–4 anos de payback e ausência de receita durante a transição. Com preços em patamar histórico, o produtor capitalizado tem uma condição disponível neste ciclo de financiar renovação com recursos próprios.

- i. **Com pressão de caixa:** renovação inviável neste ciclo — consumiria a liquidez residual.
- ii. **Em equilíbrio:** adiar — capital de giro deve ir primeiro para insumos e posição comercial; renovação em liquidez moderada é risco não compensado.
- iii. **Capitalizado:** janela de oportunidade. Planejar renovação dos talhões menos produtivos nos próximos 12–18 meses, limitando a área renovada a no máximo 10–15% do total por ciclo para não comprometer o fluxo de caixa operacional durante o período sem receita.

O risco de inação para o capitalizado: produtores com lavouras envelhecidas que não aproveitarem este ciclo de preços altos para financiar renovação estarão, no próximo ciclo de preços baixos, com lavouras ainda mais velhas e sem margem para investir. A janela de 2026 tem prazo — não é permanente.

4.4 POSICIONAMENTO REGULATÓRIO E DE CANAL

Urgência: ALTA — prazo fixo 30 de dezembro de 2026; não aguarda conveniência do produtor

O mercado europeu impõe duas camadas de exigência sobre o produtor brasileiro: a primeira é regulatória e obrigatória — a EUDR (30 dez. 2026) exige rastreabilidade geolocalizada por lote e evidência de ausência de desmatamento pós-2020; a segunda é comercial e estratégica — compradores europeus exigem ou preferem certificações voluntárias (4C, Rainforest Alliance, Orgânico) que definem acesso a segmentos e capturam prêmio de preço. A boa notícia estrutural: o arábica brasileiro já satisfaz a condição substantiva da EUDR. O desafio real é procedimental — geolocalização dos talhões e sistema de *Due Diligence* — e está sendo endereçado pelos exportadores estruturados. Para o produtor que vende via operador de canal com plataforma de rastreabilidade, o custo de adequação é baixo. Para quem exporta diretamente, o esforço é próprio e tem prazo.

Tabela 4: Posicionamento regulatório e de canal por perfil de produtor.

Perfil	Posição recomendada	Prazo crítico
Com pressão de caixa	- Verificar se o exportador/comprador já opera com plataforma de rastreabilidade (ex.: SmartESG CECAFÉ/Serasa). Se sim, custo de adequação é mínimo e redirecionamento de canal não é necessário. - Se exportação direta a EU: redirecionar volume para mercados não-EUDR neste ciclo. - Nenhuma certificação incremental — prioridade é liquidez.	Decisão imediata de canal.
Em equilíbrio	- EUDR: confirmar se operador de canal absorve rastreabilidade; se venda direta EU > 20% do volume, mapear talhões com geolocalização e estruturar DDS por lote. - Certificação: avaliar 4C — custo mínimo, integra diretamente à infraestrutura EUDR, credencial exigida pelos principais compradores commodity EU.	Decisão de canal até jul/2026.
Capitalizado	- EUDR: - mapear todos os talhões com geolocalização, estruturar DDS por lote, prazo operacional set/2026. - Brasil é país de risco padrão (CE, Reg. 2025/1093) — 3% de inspeção aduaneira, Due Diligence completa. - Certificação: definir posição na hierarquia de canal. 4C — credencial de entrada para compradores commodity (JDE Peet's, Nestlé, Jacobs); - Rainforest Alliance — exigida para Private Label e Branded de supermercados EU; - Orgânico — maior prêmio, menor adoção, viável para sistemas tecnificados com demanda confirmada. - O compliance EUDR, uma vez implementado, é a base técnica para qualquer dessas certificações. - Posicionar isso como diferenciador frente a produtores sem rastreabilidade.	Sistema operacional até set/2026 para não comprometer embarques do 1T/2027.

A decisão de certificação não é independente da decisão de canal. O produtor que implementa rastreabilidade EUDR para vender a um grande torrefador commodity já tem 80% da infraestrutura necessária para 4C. O que muda por certificação é o segmento acessado e o prêmio capturado — não o custo de implementação. Para o produtor capitalizado, a pergunta correta não é 'preciso me adequar ao EUDR?' — é 'qual certificação converte minha rastreabilidade em resultado comercial?'

5 RISCOS ENVOLVIDOS NAS DECISÕES

O produtor de café em 2026 não está diante de uma crise de sobrevivência. Está diante de um ciclo favorável, porém exposto a riscos que podem reduzir rapidamente a margem disponível se não forem tratados com disciplina. O risco central está na combinação entre preço, câmbio, insumos, clima e execução.

1. Risco de mercado — ICE C ARÁBICA e câmbio

O risco de mercado está na erosão simultânea do preço internacional e da conversão cambial. Com ICE C ARÁBICA próximo de 275 cents/lb e R\$/US\$ em

torno de R\$ 5,03, o preço de paridade situa-se em torno de R\$ 1.790/saca. O risco se torna crítico se o ICE C ARÁBICA recuar para 240–260 cents/lb ao mesmo tempo em que o real aprecia para perto de R\$4,80. Nesse caso, o preço de paridade converge para a faixa de R\$ 1.486–1.613/saca, comprimindo a margem do produtor com COE pós-choque próximo de **R\$ 806/saca**.

2. Risco de insumos — ureia, MAP e Ormuz

O risco de insumos está concentrado na ureia e no MAP, com maior urgência na ureia pela dependência do gás natural e pela exposição ao Estreito de Ormuz. Com ureia CFR Brasil próxima de US\$697,50/t e MAP em torno de US\$885/t, o produtor já opera com custos elevados. O risco se torna crítico se uma ruptura em Ormuz superior a 30 dias converter o prêmio de risco atual em restrição física de oferta, levando a ureia acima de US\$850/t e comprometendo a adubação de cobertura do ciclo 2026/27.

3. Risco climático — ENSO⁹

O risco climático não opera de forma uniforme sobre a cafeicultura brasileira. O impacto do ENSO sobre produtividade e qualidade depende da localização do produtor — e essa heterogeneidade altera o peso relativo das decisões de insumos, comercial e renovação dependendo de onde a operação está.

No Cerrado Mineiro e no Triângulo, o ciclo bienal domina sobre o sinal ENSO. El Niño eleva temperatura no período vegetativo, favorecendo formação de novos ramos, e reduz variabilidade climática — condição historicamente associada a produtividade acima da média. O risco se torna crítico pelo lado do custo: sistemas irrigados enfrentam maior demanda hídrica e pressão sobre energia e manutenção. A decisão de insumos é a mais exposta.

No Sul de Minas Gerais e no Paraná, a lógica se inverte: La Niña eleva significativamente a pressão de ferrugem (*Hemileia vastatrix*) e o risco de geadas. O risco se torna crítico se La Niña se consolida com o produtor sem posição comercial fixada — porque La Niña reduz oferta global e eleva preços ICE C, mas exige capacidade financeira para atravessar o ciclo produtivo adverso. A decisão comercial é a mais exposta.

No Norte de Minas Gerais e sul da Bahia, o ENSO não apresenta influência detectável: a variabilidade local de precipitação é suficientemente intensa para sobrepor qualquer sinal remoto do Pacífico, e o risco climático relevante é estrutural — independente de fase ENSO. Dados nacionais 2010–2024 confirmam: a diferença de produtividade média entre fases El Niño (26,1 sacas/ha) e La Niña (26,4 sacas/ha) é estatisticamente irrelevante no agregado. O risco relevante não está na média — está na cauda: o mínimo histórico de 18,4 sacas/ha ocorreu em ano de La Niña (2022), combinando seca severa na floração com ciclo bienal baixo.

4. Risco de execução — timing e sequenciamento

O maior risco gerencial é executar decisões corretas fora do tempo. Fixar preço tarde, contratar ureia depois do fechamento da janela de Ormuz, postergar o

⁹ ENSO (El Niño–Southern Oscillation)

posicionamento regulatório e de canal ou renovar lavoura antes de proteger caixa são erros de sequência. O risco se torna crítico quando duas ou mais decisões ficam simultaneamente atrasadas, reduzindo a liquidez, encarecendo insumos e limitando a capacidade de resposta. Em 2026, a disciplina de execução é tão importante quanto a leitura correta do cenário.

Os riscos são reais, mas administráveis. O produtor que fixa parte relevante da receita, protege insumos críticos, antecipa a adequação regulatória ao EUDR, monitora clima e respeita a sequência das decisões transforma risco em gestão. O produtor que espera confirmação plena do cenário perde tempo — e, em 2026, tempo é margem.

6 PAINEL DE MONITORAMENTO

O produtor não reage à volatilidade diária. Opera com disciplina: observa indicadores críticos, verifica se um gatilho foi acionado e executa a decisão correspondente sem hesitação.

O princípio operacional é simples: **preço não se interpreta — gatilho se executa.**

Sete indicadores orientam a decisão. Três determinam ação imediata; os demais ajustam o timing.

1. Indicadores críticos (ação imediata)

ICE C, R\$/US\$ e R\$/saca definem o momento de fixação de preço e proteção de margem. Quando dois desses indicadores acionam simultaneamente, a decisão não deve ser postergada.

2. Indicadores de custo (ação tática)

Ureia e MAP determinam o custo do próximo ciclo. Seus gatilhos não são diários, mas exigem ação rápida quando atingidos, especialmente em janelas curtas como Ormuz.

3. Indicadores estruturais (monitoramento contínuo)

Estreito de Ormuz e ENSO¹⁰ não geram ação isolada imediata, mas alteram o cenário. Funcionam como antecipadores de movimento dos demais indicadores.

A disciplina está em não misturar leitura com ação. O produtor não precisa prever o mercado — precisa reagir corretamente quando o mercado se move.

¹⁰ ENSO (El Niño–Southern Oscillation)

SISTEMA DE DECISÃO EM 3 CAMADAS

Painel de Monitoramento — 7 indicadores que orientam as decisões



Figura 10: Painel de Monitoramento

Tabela 5: Painel de monitoramento — sete indicadores com gatilhos de ação

#	Indicador	Fonte	Nível atual (23 abr. 2026)	Gatilho de ação
BLOCO A — MERCADO (AÇÃO IMEDIATA)				
1	ICE C Arabica front month (cents/lb)	ICE / Barchart	~275 cents/lb 21 Mai/2026	< 280 por 3 dias consecutivos → fixar imediatamente. < 260 → capitalizado fixa saldo sem exceção. > 330 → capitalizado fixa parcela adicional de 15–20%.
2	R\$/US\$	Banco Central do Brasil	R\$5,03 23 abr. 2026	< R\$4,80 → vender imediatamente. > R\$5,20 → reavalie saldo não fixado como posição ativa.
3	R\$/saca arábica CEPEA/ESALQ	CEPEA/USP	~R\$ 1.606,63/saca referência maio. 2026	< R\$ 1.801 → em equilíbrio vende imediatamente. < R\$ 1.670 → emergência — todos vendem o que resta. > R\$ 2.130 → capitalizado fixa parcela adicional.
BLOCO B — INSUMOS (AÇÃO TÁTICA)				
4	Ureia CFR Brasil (US\$/t)	Investing.com	~US\$ 697,50/t referência abr. 2026	> US\$ 800 → comprar imediatamente. < US\$ 650 → janela de contratação.
5	MAP CFR Brasil (US\$/t)	Investing.com	~US\$ 885/t referência abr. 2026	> US\$ 950 → comprar imediatamente (em equilíbrio e capitalizado). < US\$ 800 → antecipar compra do próximo ciclo.
BLOCO C — ESTRUTURAL (MONITORAMENTO)				
6	Estreito de Ormuz status operacional	Marine Traffic / Kpler / Reuters	Cessar-fogo ativo — 21/mai/2026. Negociações em curso Fluxo 5%	- Renovação → manter estratégia. - Ruptura → comprar ureia 100% em 48h.
7	ENSO ¹¹ — Probabilidade El Niño	NOAA / IRI Consensus Forecast (mensal)	“El Niño watch” — (NOAA CPC, 14/mai/2026) 82% de probabilidade de formação mai–jul/2026; 96% de persistência dez/2026–fev/2027. Aquecimento subsuperficial intensificado pelo 6º mês consecutivo.	> 60% El Niño → garantir insumos completos. - La Niña → acelerar fixações (prioritário Sul MG/PR e Paraná).

¹¹ ENSO (El Niño–Southern Oscillation).

7 CONCLUSÃO – O DIFERENCIAL ESTÁ NA ABORDAGEM

O produtor de café em 2026 não enfrenta um problema de sobrevivência. Enfrenta um problema mais exigente: como capturar e proteger uma margem diferenciada em uma janela de tempo que se fecha.

O ambiente atual é favorável e as condições para capturar margem estão presentes. À medida que o ano avança, três vetores convergem: a entrada da safra recorde no mercado, a apreciação do real e o prazo fixo da EUDR. A janela de decisão é real — e tem duração limitada:

1. a entrada da safra recorde no mercado;
2. a apreciação do real;
3. o prazo fixo da EUDR.

O monitoramento do ENSO adiciona uma dimensão de prazo mais longo: uma confirmação de El Niño para o período de floração compromete o potencial produtivo do ciclo seguinte — e deteriora a relação entre custo fixo e receita precisamente quando os preços podem estar em normalização.

Cada um desses fatores, isoladamente, é administrável. O desafio emerge quando convergem — comprimindo margens, reduzindo espaço de manobra e impondo decisões em sequência.

Nesse contexto, a postura reativa deixa de ser suficiente. O produtor que espera confirmação do cenário transfere para o mercado o controle do seu resultado. A implicação é direta: não se trata de prever o futuro com precisão, mas de se posicionar antes que ele se imponha.

As quatro decisões — comercial, insumos, renovação e adequação regulatória ao EUDR — não operam de forma independente. Elas estruturam, em conjunto, a capacidade de resposta do produtor:

1. o posicionamento comercial define a liquidez disponível;
2. a contratação de insumos condiciona o custo do próximo ciclo;
3. a renovação determina a produtividade futura;
4. a adequação regulatória ao EUDR estabelece o acesso ao canal.

Quando uma dessas decisões é postergada, o impacto não é isolado — ele se propaga pelas demais, reduzindo gradualmente a capacidade de execução.

O papel desta análise não é prever o comportamento do mercado, mas oferecer um critério disciplinado para atuar dentro dele. Esse é o ponto central: substituir a tentativa de previsão por um sistema consistente de decisão.

O produtor que opera com esse critério não depende de acertar o cenário. Ele estrutura suas decisões para permanecer válido nos diferentes estados possíveis do mercado. Na prática, isso se traduz em quatro movimentos:

1. fixar antes da pressão da safra;
2. proteger insumos dentro das janelas disponíveis;
3. antecipar o compliance regulatório;
4. investir antes da normalização do ciclo.

Para operações empresariais e estruturas com mais recursos, essa abordagem permite alinhar estratégia comercial, alocação de capital e posicionamento de canal de forma coerente. Para o produtor individual, o ganho é igualmente relevante: um critério claro que reduz ambiguidade e orienta decisões quando elas realmente importam.

O ano de 2026 apresenta uma combinação rara: margem disponível, riscos identificáveis e prazos definidos. Essa combinação não é permanente. À medida que o ciclo evolui, o espaço de decisão se reduz.

O produtor que atua com disciplina transforma esse momento em resultado estrutural. O que não o faz, tende a capturar apenas parcialmente o potencial **do ciclo atual**.

A implicação prática dessas decisões é direta. Para o produtor capitalizado — que representa a referência de execução plena neste ciclo — a síntese operacional pode ser reduzida a cinco movimentos claros:

Tabela 6: Síntese executiva — referência de decisão (produtor capitalizado)

Decisão	Ação recomendada	Horizonte
Comercial	Fixar 40–60% da safra nos próximos 30–45 dias com proteção cambial (NDF)	Imediato
Ureia	Contratar 70–100% da necessidade do ciclo 2026/27	Curtíssimo prazo
MAP	Contratar 50–60% dentro da janela de 6–8 semanas	Curto prazo
Renovação	Planejar renovação de 10–15% da área com recursos próprios	12–18 meses
Regulatório/Canal	i. Garantir rastreabilidade EUDR operacional até set/2026; ii. Capitalizado: definir certificação complementar (4C como piso — custo mínimo, credencial EU commodity; Rainforest Alliance se canal supermercado)	Até set/2026

Em 2026, o resultado não será determinado pelo mercado — será determinado por quem decide antes dele.